

Mensalidade sobe mais no DF

MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

Trinta dias após o início do ano letivo, um terço das famílias brasileiras ainda está digerindo os preços pagos para manter os filhos em escolas particulares. Os reajustes nas mensalidades em Brasília ficaram acima da inflação do ano passado e superaram a média nacional. Estudar em instituição privada na capital ficou 6,10% mais caro em 2008, acima do incremento médio de 4,29% no custo de vida da população de Brasília em 2007, segundo o Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S).

Segundo o levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV), as prestações nas escolas do país subiram, em média, 4,77% — abaixo do índice de Brasília, mas acima da inflação acumulada de 2007, 4,6% pelo IPC-S no Brasil. As escolas culpam a carga tributária e a inadimplência. Os órgãos de defesa do consumidor orientam os pais a acompanhar a planilha de custos das instituições.

As variações praticadas em Brasília são as maiores entre as sete capitais pesquisadas. Todas ficaram acima da inflação registrada no ano passado e tiveram impacto no índice de 2008. Nos dois primeiros meses do ano a inflação em Brasília foi superior à média nacional. Em fevereiro, os índices foram de 0% e 0,11%, respectivamente, segundo divulgado ontem pela FGV. "Escola é um serviço que está diretamente associado à renda. Quanto mais disponibilidade a população tiver para pagar, maiores serão os reajustes", afirma o coordenador do IPC-S, André Braz. A parcela do rendimento da população comprometida com mensalidades escolares é mais alta no DF do que na média do país: 6,91% e 4,48%, respectivamente.

Somente as faculdades e universidades não elevaram seus preços acima da inflação. Por causa da oferta em alta no setor, justifica o vice-presidente da Associação Nacional das Universidades Particulares (Anup), Rubens Lopes da Cruz. "Como a concorrência está muito acirrada, as universidades têm procurado aumentar o mínimo

possível. Somente as escolas muito tradicionais podem aumentar mais", afirma.

Planilha

Mas os aumentos acima da inflação não são um problema, segundo a presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal (Sinepe-DF), Amábele Pácios. De acordo com ela, a inflação do ano anterior não é o indexador utilizado pelas escolas para decidirem sobre os valores. "A mensalidade sai de uma planilha de custos que está ligada à proposta pedagógica da escola. Se em 2007 muitas escolas passaram a oferecer natação,

por exemplo, é natural que tenhamos reajustes acima da média", afirma. Presidente da Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep), José Augusto de Mattos Lourenço, reforça a liberdade das instituições para definir preços. "A lei permite que façam como quiserem, de acordo com suas planilhas de custos. E agora ainda têm que considerar o reflexo do aumento tributário",

afirma, referindo-se às mudanças feitas a partir da adoção do Super Simples, no segundo semestre do ano passado, que alterou a classificação das creches e da pré-escola, que passaram a pagar 50% a mais de impostos.

Os reajustes, segundo ele, não são bons para o setor, que ainda não sentiu o aumento da demanda em função da elevação da renda da população do país. "Em média, o número de alunos, hoje em 10 milhões, cresce 1% ao ano. O aumento da renda ainda não teve reflexo, pois o percentual continua o mesmo", afirma. Os pais que encontrarem dificuldades ao longo do ano para manter os filhos matriculados, não devem deixar o problema de lado, recomenda a coordenadora da Associação Brasileira de Defesa do Consumidor (Proteste), Maria Inês Dolci. "O ideal é que o pai tente fazer um acordo caso ache que pode pagar. Mas se a situação for mais grave, deve pensar em tirar os filhos da escola. É melhor do que correr o risco de a escola não transferir a criança no fim do ano ou não aceitar fazer a matrícula para o ano seguinte", afirma.

OS REAJUSTES EM 2008

